

Pompeu de Souza

Com uma rica história de participação política, elegeu-se pela primeira vez para um mandato de 4 anos no Senado



Meira Filho

O rádio foi o seu grande eleitor, com programas destinados a camadas populares. Estréia na vida política pelo PMDB



Maurício Corrêa

O senador mais votado individualmente no DF, alicerçou sua campanha na obra que realizou na direção da OAB



Roberto Pompeu de Souza Brasil (PMDDF), 70 anos, jornalista e professor, foi eleito com 154.257 votos para ocupar a terceira vaga (quatro anos de mandato) da bancada do DF. Cearense de nascimento, bisneto do senador Pompeu de Souza, embora tenha sido eleito pela primeira vez para um mandato parlamentar, Pompeu tem uma rica história de participação política.

Como diretor do **Diário Carioca**, teve papel relevante na campanha pela derrubada do Estado Novo, atuando diretamente nas investigações abertas para apurar o atentado da rua Toneleiros, em que foi morto o major Rubem Vaz, da Aeronáutica, e ferido o governador Carlos Lacerda. A repercussão criada em torno do episódio precipitou o fim do Estado Novo, com o fim do Estado Novo, com o suicídio de Getúlio Vargas.

Fundador da UDN, em 1945, onde atuava na esquerda democrática, depois participou do movimento que deu origem ao antigo PSB. Amigo de Juscelino Kubitschek, acompanhou-o em diversas viagens que fez para

fiscalizar as obras da construção de Brasília em 58 e 59. Convidado por Darcy Ribeiro, primeiro reitor da UnB, para criar a Faculdade de Comunicação de Massas do Brasil, ele mudou-se definitivamente em 61 para Brasília. Foi chefe do Serviço de Imprensa da Presidência do Conselho de Ministros durante o governo parlamentar (61 a 63).

Incluído na primeira lista de 15 professores da UnB cassados pelo regime militar em 65, Pompeu permaneceu em Brasília, dirigindo a sucursal da Editora Abril, passando então a atuar intensamente na resistência à ditadura.

Casado pela segunda vez, seis filhos, defende mandato de cinco anos para o presidente Sarney, de quem é muito amigo. É a favor do voto distrital misto e de um "parlamentarismo mitigado". Defende a legalização do aborto apenas para os casos em que traga benefício para a gestante. Quer a reforma agrária, mas preocupa-se demais com a reforma urbana. Defende eleições diretas no DF e a criação de um legislativo em Brasília.

João Assis Meira Filho (PMDB-DF), 63 anos, foi eleito senador com 230.350 votos, derrotando seu companheiro de sublegenda, o empresário Lindberg Aziz Cury. Paraibano de nascimento, emigrou aos 12 anos para o Rio, mudando-se para Brasília em 58. Já como locutor da "Voz do Brasil", e aqui tornou-se figura bastante conhecida das camadas populares, graças aos programas que dirigiu nas rádios **Nacional, Alvorada, Independência e Planalto**, todos de grande audiência.

Estreante na vida política, teve uma rápida passagem pelo PDC, chegou a filiar-se ao PDT, de onde foi atraído para o PMDB pelo governador José Aparecido, que através de pesquisas encomendadas previamente havia detectado seu potencial eleitoral.

Meira Filho, que se diz "muito pela legalidade", sustenta posições conservadoras em relação aos diversos temas que serão discutidos na Constituinte. Em sua opinião, o País deve pagar a dívida externa. "Deixar de pagar seria a desmoralização da Nação, que, ao

contrai-la, assumiu um compromisso perante o mundo. Ficaríamos de joelho", diz ele, sugerindo que o pagamento seja feito aos poucos, depois de uma fiscalização para saber o que devemos. "Mas deixar de pagar, nunca", arremata o senador.

Ele é absolutamente contra o aborto e sustenta sua posição com um argumento surpreendente: "Ora, se alguém quer matar o filho, porque não espera ele nascer?"

Votaria a favor da implantação do voto distrital, por achar que esse regime dá maior consciência ao eleitor no ato de votar, "porque ele identifica melhor o candidato". No que diz respeito à polémica criada em torno da soberania da Constituinte, Meira observa que os parlamentares foram eleitos "para constituir e não para desconstituir", engrossando as fileiras daqueles que acham que a Assembleia não deve promover mudanças no texto da Carta vigente.

Ele se declara favorável à reforma agrária, "desde que não se esqueça que um dos pilares da democracia é o direito à propriedade".

Maurício José Corrêa (PDT-DF), 52 anos, advogado, individualmente foi o senador mais votado do DF, obtendo 197.639 votos, sem a ajuda da sublegenda. Radicado em Brasília desde a inauguração, ele alicerçou suas pretensões políticas durante os oito anos em que presidiu a Ordem dos Advogados do Brasil, seção DF. Como presidente da OAB, participou ativamente da resistência democrática, defendendo presos políticos e apoiando diretamente o movimento sindical. Durante sua gestão à frente da entidade, foi criada a Comissão de Direitos Humanos e o Serviço Gratuito de Assistência Jurídica às pessoas carentes, o que ampliou consideravelmente seu prestígio junto às camadas mais pobres da população.

Mas ele tornou-se figura realmente conhecida durante os dias de votação da emenda Dante de Oliveira, quando desafiou ostensivamente a decretação das medidas de emergência na capital, mantendo uma reunião prevista para se realizar naqueles dias na OAB. A sede da entidade foi invadida pelas tropas do gene-

ral Newton Cruz, executor das medidas, que impediu a realização da reunião e confiscou uma placa comemorativa que ia ser inaugurada — e que até hoje não foi devolvida.

Especialista em Direito Comercial e Direito Civil, procurador regional do IAPM, ele centrou sua campanha no slogan "Vamos libertar Brasília", colocando-se como principal adversário do Governo José Aparecido, a quem pretende suceder, disputando o cargo em pleito direto.

Casado, três filhos, Maurício se considera "um homem de esquerda", devendo aliar-se, porém, aos setores moderados. Único senador eleito pelo PDT, ele mantém, no entanto, vínculos profundos com a legenda, embora goste de afirmar sua condição de trabalhista. Durante a campanha eleitoral, por diversas vezes, deixou escapar queixas em relação ao governador Leonel Brizola, por não tê-lo ajudado, como esperava, na campanha. Mas garantiu que permanecerá no PDT, embora atuando "de forma independente".